

R A M I R O

Professor RAMIRO DE PORTO ALEGRE MUNIZ, é um dos mais prestigiados e conhecidos físicos experimentais do Brasil, dono de uma longa experiência acadêmica, autor de dezenas de trabalhos na área da Física da Matéria Condensada, já tendo orientado inúmeros estudantes pós-graduados. Ocupou até recentemente o cargo de Diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) no Rio de Janeiro, onde a maior parte do seu trabalho de pesquisa tem sido desenvolvido. Vale ressaltar que este eminente Físico além de Bacharel em Física, é também um pós-graduado pela Universidade da Califórnia (Berkeley-USA).

Um outro aspecto importante na sua carreira, tem sido a sua contribuição para a formação de grupos de pesquisa, bem como na criação de instituições, destacando-se entre estas, a antiga Escola de Geologia da UFBA, da qual foi o primeiro diretor. Ele pertenceu ao grupo de professores que diretamente empenhou-se na criação do antigo Instituto de Matemática e Física da UFBA. Naquela época ele ocupava o cargo de professor na antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da UFBA. Após aquele período na Bahia, foi para a Universidade de Brasília e posteriormente para o CBPF, lecionando também em outros centros.

O Professor RAMIRO aposentou-se recentemente como Pesquisador Titular do CBPF, e é com grande prazer que transcrevemos agora o seu depoimento.

C:- Ramiro, apesar da nossa introdução, temos certeza que do seu vasto curriculum, muitos aspectos da sua vida pessoal, acadêmica enfim profissional antes da sua vinda para a UFBA, são to talmente desconhecidos. Gostaríamos que você explicitasse um pouco estes pontos, pois eles serão valiosos para as várias gerações da Física Brasileira?

R:- Bem, vamos à minha vida antes de ir para a Universidade da Bahia, em 1957. Sou do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, on de nasci em 1926. Vim para o Rio em 1937 e entrei para o Colégio Pedro II onde fiz o ginásio e parte do segundo ciclo. Por motivos pessoais, terminei o terceiro ano científico no curso noturno do Colégio Estadual Nilo Pecanha, em Niterói, enquanto trabalhava no escritório de uma empresa de construção. Casei. Fiz concurso para o Banco do Brasil e fui trabalhar em Goiânia (Go). Lá fiquei cerca de dois anos.

Em 1949, de volta ao Rio de Janeiro, cheio de animação e por sugestão do Prof. Sérgio Porto, que era mais animado ainda, o que transmitia para todos que estavam perto dele, fiz vestibular para o curso de física da Faculdade Nacional de Filosofia e pas sei. O horário do Banco, na época, era flexível e dava para fre quentar os cursos (ou quase todos). Nos sábados à tarde fazia os trabalhos de laboratório e nos domingos estudava e fazia os traba lhos de casa. Era um pouco cansativo mas dava até para aprender al go.

Na Faculdade de Filosofia, tive o privilégio, não dado a muitos na época, de ser aluno dos professores Joaquim Costa Ribe ro, José Leite Lopes, Jayme Tiomno, Armando Dias Tavares, Plínio B ussekind Rocha, Elisa Frota Pessoa, Leopoldo N achbin, Ma ria Laura Housinho e tantos outros, que, com seriedade

entusiasmo, concentração e interesse nos iniciavam, aos meus colegas e a mim, no aprendizado da física como ciência e não apenas como uma disciplina de utilidade. Eles eram inquietos, competentes e conscientes de sua missão. Não foi tanto a matéria lecionada mas a atitude, o gesto profissional, a visão cultural, que nos mostrou o significado da atividade científica e nos estimulou a segui-la.

A Universidade não exibia grande interesse pela pesquisa, que era atividade tolerada, desde que os cursos, cujo objetivo principal era formar professores secundários, fossem ministrados. Essa missão era, e é, como sabemos, importante mas insuficiente para um departamento de ciências universitário.

A consciência desse fato, entre outros, levou à criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, em 1949, iniciativa conjunta dos professores da Faculdade, de intelectuais, empresários, do Prof. Cesar Lattes, que voltava do exterior com o troféu do trabalho do meson pesado. Foi crucial o apoio do Ministro João Alberto Lins e Barros. Isso foi em 15 de janeiro de 1949.

O CBPF foi decisivo no direcionamento da vocação de toda uma geração para a pesquisa em física, não apenas no Brasil mas em toda a América Latina. Era um espaço que se adicionava ao da Faculdade de Filosofia da USP, iniciativa pioneira da década de 30, que de certo modo catalizou a criação do CBPF.

O CBPF, por sua vez, no decorrer de uma atribulada vida de 36 anos, gerou um número enorme de grupos de pesquisa em física em todo o Brasil, contribuiu com uma grande produção científica em variados campos da física e continua a fazê-lo.

Em 1951, num ato político que reconhecia a existência e importância da pesquisa científica, foi criado o Conselho Nacional de

Pesquisas. Como estudante de física, terceiro ano, candidatei-me a uma bolsa no país. Era minha crença que, se contemplado, poderia deixar o meu emprego no Banco do Brasil, e terminar o curso da Faculdade. Algum tempo depois fui chamado ao CIIPq., pelo diretor científico, professor Costa Ribeiro, informando que o Conselho não tinha programa de bolsas no país mas que, se eu solicitasse examinariam a possibilidade de uma bolsa para os EUA. Eu deveria escolher a Universidade, negociar a minha admissão. Aconselhei-me com o prof. Tiomno, escrevi para a Universidade da Califórnia, enviei o meu currículo escolar acompanhado de carta de recomendação do prof. Lattes, requeri licença no Banco do Brasil e, em setembro de 1952, estava matriculado, frequentando o correspondente ao terceiro ano em Berkeley, com mulher e dois filhos.

Para mim foi um deslumbramento. Eu nunca tinha estado em uma universidade daquela dimensão. Na realidade nunca tinha visto uma universidade concreta, um "campus" universitário. Rapidamente me adaptei ao regime escolar e o meu inglês, aprendido no Colégio Pedro II, apesar de um pouco trôpego, funcionou e, rapidamente, adquiriu agilidade.

Foi uma experiência compensadora e construtiva. Aprendi muito, além da física e do inglês. Vi em funcionamento uma comunidade universitária desenvolvida, rica mas severa. Aprendi a me impor disciplina e objetividade, sem o que não poderia vencer o volume de trabalho a cumprir, que era grande. Aprendi a não dar importância à burocracia inútil e formal que tanto prezamos no Brasil. A Universidade era a um só tempo ampla, versátil, flexível no seu programa educacional e rígida ao exigir seriedade, disciplina e excelência. Voltei ao Brasil com uma cabeça completamente diferente. E foi com essa cabeça que ingressei na Universidade da Bahia. Como isso ocorreu conto a seguir.

Eu estava de volta dos Estados Unidos, desde janeiro de 1956, onde terminara o mestrado em física na Universidade da Califórnia, Berkeley. Em face de grave crise que atravessava o CNPq que não tinha recursos para continuar pagando bolsas no exterior, fui forçado a interromper o meu trabalho de doutorado, que apenas iniciara. Com mulher e três filhos não dava para continuar. O jeito era voltar e partir para a luta. E foi o que fiz.

Para quem não se lembra ou não ficou sabendo, os anos de 1954 e 1955 foram de profunda crise política no Brasil: morte trágica de Vargas, a transição de governo, a candidatura de Juscelino, as tentativas de obstrução à sua posse gerou um clima de instabilidade e de golpismo. A crise das ultracentrífugas embargadas pelo governo dos EUA, serviço da dívida externa, a inflação e a crise financeira do CNPq tornavam a vida de um físico principiante muito incerta.

Na época, os empregos para físicos eram poucos. Sem conexões nos locais apropriados, era difícil, senão impossível, conseguir trabalho. O CBPF estava, também, em crise e não podia contratar ninguém. Não podia trabalhar no ensino médio porque meu diploma de bacharel em física era americano e, para valer no Brasil, precisava ser revalidado. Essa revalidação era tão complicada, burocrática e demorada que desistí. Tentei possibilidades nas quais a garra para trabalhar e alguma competência fossem mais valorizadas que rituais cartorários. Tentei o ITA, a USP, a FNF, sem sucesso. Quando me dispunha a reassumir minha posição de escriturário do Banco do Brasil, fui indicado por um antigo colega para o recém-criado Conselho de Desenvolvimento, situação que peguei rapidinho, pois o dinheiro do leite das crianças estava acabando. O ambiente era de economistas mas o relacionamento de trabalho era bom e o

salário muito bom. Eu estava disposto, mesmo, a mudar de profissão, estudar e aprender economia, ante o chabu das minhas aventuras na física. Inaugurava-se, com o Presidente Juscelino, a era do desenvolvimento econômico e as atividades ligadas à formulação objetiva das metas do governo estavam em relêvo.

Me sentia, contudo, um pouco deslocado e, também, frustrado, condição que procurei administrar o melhor possível. Alguns meses depois fiquei conhecendo o economista Rômulo Almeida que me propiciou uma entrevista com o Dr. Edgard Santos, Reitor da, então, Universidade da Bahia, e que estaria interessado em contratar um professor de física para trabalhar na Faculdade de Filosofia, em Salvador.

Fiquei animadíssimo e apreensivo. Será que conseguiria passar na entrevista? Felizmente passei.

Antes de continuar quero fazer um parêntese sobre o Dr. Edgard Santos como conheci.

Edgard Santos era um homem voltado para a modernização da universidade brasileira. Via a universidade como catalisadora da cultura, geradora de conhecimento e formadora de quadro e não, apenas, como uma escola profissional superior, para formar médicos, advogados, engenheiros e outros profissionais.

Disto todos tínhamos consciência, em grau maior ou menor. O que não se sabia era como faze-lo e por onde começar. O Dr. Edgard Santos tomou as iniciativas e viabilisou, através de seu enorme prestígio, experiência, cultura, coragem e habilidade o início da modernização da Universidade da Bahia. Como homem de sabedoria, sabia que não podia fazê-lo de forma intempestiva, mas que era necessária uma preparação, definir as condições iniciais. A essa missão

dedicou sua vida e o fez com liderança, espírito de luta, paciência e bom gosto incomuns.

Nem sempre foi compreendido. Contrariou muitos interesses paroquiais, mas quando deixou a reitoria, creio que em 1961, o ambiente universitário da Bahia estava fortemente modificado na sua dinâmica.

C:- Explique-nos agora que motivações levaram um jovem Físico com pós-graduação nos EEUU, aceitar dirigir uma Escola de Geologia na Bahia?

R:- Aceitei o desafio de organizar e dirigir a Escola de Geologia exatamente porque era uma desafio e pessoas jovens gostam de desafios. Além disso era minha opinião na época, como já assinalei, e ainda é, que há tanto a se abrir no plano científico e universitário no Brasil, que não dá para escolher tarefas. Vai-se fazendo a que está mais viável e próxima, na esperança de que a vez da nossa vocação chegue. Na época, eu estava muito imbuido de autoconfiança e vontade de fazer as coisas progredirem. A escola de Geologia foi uma oportunidade para concretizar esses sentimentos. Creio que consegui. Além disso, a atividade na Geologia abria espaços para uma atuação mais firme na física o que, de fato fiz, na medida das possibilidades da época.

C:- Aqueles que o conheceram ainda na antiga Faculdade de Filosofia da UFBA, lembram-se da sua costumeira postura de "enfant terrible", ou seja, renovador confesso e um pouco iconoclasta. Com

quem você interagiu inicialmente, como era o seu relacionamento com os antigos "doutos" daquela Faculdade e como surgiu a idéia de desligar o então Curso de Física para criar-se um instituto autônomo?

R:- Não acho que tenha sido um "enfant terrible" na antiga Faculdade de Filosofia, mas se fui, não estava só. Havia toda uma geração de jovens na Faculdade que estavam descontentes e inquetos, procurando abrir novos caminhos para as suas vocações e que se sentiam bloqueados por um quadro excessivamente rotineiro, conservador e imobilista.

Os que você chama "doutos", eram os fundadores da Faculdade e, como tal, se sentiam donos, com o direito de definir o tom da instituição e insistiam em olhar a geração mais nova e ativa como novidadeiros e desobedientes, o que de fato éramos.

Ocorreu exatamente o mesmo fenômeno que conduziu à criação do CBPF. Procurou-se um espaço onde se pudesse atuar com mais desembaraço. Com o apoio, do Prof. Edgard Santos e numa aliança de físicos e matemáticos, criou-se o INSTITUTO DE MATEMÁTICA E FÍSICA, que não contrastava com os cursos da Faculdade. Não se inventou nada de novo nem se destruiu o que existia, apenas se ampliou a ação da Universidade da Bahia nesses campos, focalizando-os na direção da pesquisa.

C:- Apesar de um típico carioca, tudo indica que existe alguma baianidade na sua família. É sabido que quando por aqui viveu, você sempre foi um apreciador da cultura afro-baiana. Seria possível nos contar um pouco sobre a sua interação com o conhecido Terreiro do Axé-Opô-Afonjá, na época sob a direção da famosíssima Ialorixá Mãe Senhora, mais tarde reverenciada no Maracanazinho co

mo "A Mãe Ilégra do Brasil"?

R:- Como típico carioca não nasci no Rio, sou "emigré". Não sou carioca da gema. Meu interesse pelas manifestações da cultura africana em Salvador resulta de que ela está presente na Bahia de forma tão intensa e profunda que só mesmo alguns baianos se dão ao luxo de ignorar. Assim como o carioca que nunca foi ao Pão de Açúcar, apesar de ve-lo todos os dias.

Fui levado por amigos ao Terreiro do Apô Afonjá e, lá, por motivos que até hoje ignoro, fui levantado ogã. Frequentei muito o terreiro do Retiro, para assistir às danças, os cantos, os ritmos do candomblé, mas na realidade não fui um bom ogã. Nunca fiz as obrigações, mas conservo belas lembranças e aprendi muito. Aliás, na Bahia eu quase que só aprendi.

C:- Que motivos o fizeram sair da Bahia, e por quô anos mais tarde (1975), você voltaria a emprestar o seu apoio ao já estabelecido IFUFBA? Qual a sua opinião sobre o trabalho aqui desenvolvido. Que sugestões adicionaria àquelas dadas no passado?

R:- Saí da Bahia para a Universidade de Brasília que se iniciava, a convite do prof. Darcy Ribeiro. Tinha, também, o sentimento de que minha missão em Salvador estava em parte cumprida. O que eu podia fazer na área da física, tinha feito. O meu compromisso com a Escola de Geologia que era formar a primeira turma estava completo. A ideia de participar da construção de uma Universidade me atraiu. Além disso, com a não recondução do Prof. Edgard Santos mutilou a Universidade de um dos seus maiores motores. Persegui-me a idéia, bem, que mais cedo ou mais tarde, a burocracia univer

sitária me alcançaria e me sobraria a revalidação daqueles diplomas, o que até hoje não fiz.

Eu não voltei a emprestar apoio ao IFUFBA, eu sempre fui a favor de um Instituto de Física na Universidade. No meu parecer a organização da Universidade por institutos representou um progresso em relação a estrutura anterior. Do ponto de vista profissional quanto mais institutos de física existirem no Brasil mais se diversifica e se amplia a pesquisa e mais se amplia o mercado de trabalho para os físicos.

O próximo passo deverá ser na direção da criação de institutos especializados nos vários ramos da física pura e aplicada que não competem com os institutos universitários mas completam a sua ação, além de produzir mais ciência e tecnologia e absorver os jovens recém egressos das universidades.

Os anos que fiquei em Salvador foram para mim muito educativos e gratificantes. Foi o começo de minha vida universitária, como professor. A ligação ficou forte. Fiz amigos a quem prezo. Foi onde aprendi os meandros da vida universitária. É natural, portanto, que, quanto mais não seja por gratidão, que eu demonstre apoio, que me interesse pelo florescimento da ciência na Bahia.

O Instituto de Física, sendo um organismo vivo e atuante com as suas dificuldades, que tem a ver com a sua história, com a personalidade de seus membros, sua formação, suas qualidades e com muitos outros fatores que os baianos conhecem melhor que eu.

O programa científico do Instituto tem méritos, seus membros, na sua maioria tem qualificações e maturidade para, com apoio e esforço consolidar um trabalho científico e acadêmico de qualidade.

Os problemas que a Universidade e, em particular o Instituto de Física enfrentam são comuns a todo o estabelecimento universitário brasileiro. A luta deverá ser no sentido de se valorizar a atividade científica, integrá-la com a atividade docente, derrubar o complexo burocrático-repressivo, resíduo autoritário que nos sufoca a todos mas que por vezes toleramos, ampliar a interação com a sociedade, reivindicar mais recursos, aplica-los bem, com severidade e inteligência e lembrar sempre aqueles versos de Baudelaire:

La sottise, l'erreur, le péché, la lésine
Occupent nos esprits e travaillent nos corps
E nous alimentons nos aimables remords
Comme les mendiants nourrissent leur vermine.

Parece-me, também, que as pessoas jovens no Brasil são mantidas em cursos formais durante muito tempo, cumprindo requisitos escolares e burocráticos, resolvendo listas de exercícios, perseguindo diplomas e tendo muito pouco contato com a atividade experimental. Convenhamos que isto é muito pouco estimulante para a verdadeira formação científica e terá como produto apenas uma geração de pessoas inseguras, que jogarão sempre retrancadas. Esta prática, em meu parecer deve ser modificada e os jovens precocemente engajados na atividade de pesquisa, agregados a um grupo ou laboratório, de modo que cedo se iniciem na atividade.

Um jovem que termina os primeiros dois anos de graduação já pode ser útil e conviver bem num grupo de pesquisadores. Não vamos esperar que ele apresente os primeiros sintomas de reumatismo para permitir que comece a trabalhar de verdade em ciência.

Os pesquisadores mais maduros e experientes têm uma missão a cumprir que é a de orientar, promover os trabalhos, transmitir a sua experiência e conhecimento, administrar, lutar por recursos . Os jovens são uma fonte de criatividade e produção que não deve ser desperdiçada mas estimulada e protegida. Sem isso, as instituições acabam como propectas casas, como o abrigo dos idosos.

C:- Uma curiosidade: Do nosso conhecimento pessoal e do seu próprio perfil acadêmico, foi surpreendente encontrá-lo comandando o CBPF, vez que a sua aversão pelo trabalho burocrático sempre foi notória. Quais as motivações, gratificações ou surpresas advindas daquela experiência?

R:- Ser diretor de um instituto de pesquisa não é trabalho burocrático. É um desafio, uma provocação, uma educação. Todos temos, quando mais maduros e realizados, de dar a nossa contribuição nesse particular. Como diretor, si se souber aproveitar, aprende-se a comandar sem autoritarismo, a transigir sem fraquejar, a negeciar sem corromper, a ouvir, a perder o medo de errar, a discriminar o adjetivo do relevante. Quando se chega a aprender tudo isso, está na hora de sair porque ninguém é de ferro e ficar muito tempo em diretoria não é bom e obstrue a possibilidade de outros adquirirem essa preciosa experiência.

C:- Como tem sido o seu trabalho de pesquisa na atualidade. Que dificuldades você tem encontrado no seu laboratório?

R:- Meu trabalho de pesquisa, neste momento, em que acabo de finalizar três anos de diretoria do CBPF anda um pouco tênue. Estou recomeçando possivelmente nas áreas de espectroscopia ótica, de ultravioleta com radiação de sincroton usando foto-acústica, bem como em ressonância paramagnética. As dificuldades são aquelas que quase todos têm: imaginação e criatividade para superar as limitações.

C:- Após tantos anos de pesquisa, seria possível explicitar aqueles trabalhos científicos que realmente marcaram a sua vida?

R:- Os trabalhos de pesquisa que mais me gratificaram foram os que realizei em colaboração com o prof. Jacques Danon no CBPF, no período que foi de 65 a 75 sobre ressonância paramagnética eletrônica de complexos moleculares de elementos de transição, que até hoje repercutem no meio científico internacional. Foi uma boa contribuição.

C:- Dos seus antigos professores, alunos e colaboradores, quais aqueles que mais de perto contribuíram para o seu trabalho científico?

R:- Os meus professores na Faculdade de Filosofia já mencionei. Eles certamente foram importantes na minha formação.

A minha vida de professor começou na Universidade da Bahia, onde no contato quase diário com os colegas e alunos, fui aprendendo

do o ofício de professor. Destaco em particular os profs. Nelson Rossi, Álvaro da Silva Ramos, Milton Santos, Arlete, Marta, o meu aluno e, mais tarde colega, Pêpe e tantos outros com quem mantive, e que conservo, relações de amizade, de trabalho e de conflito com os que, no dia a dia muito me ajudaram a compreender a Bahia e as sim ficar mais brasileiro.

A minha atividade científica se iniciou com o Prof. Jacques Danon, no CBPF, que com sua vivacidade, conhecimento e experiência generosamente abriu para mim a atividade de pesquisa.

C:- Comandando uma instituição de Física tematicamente meio eclética como o CBPF, que sugestões você daria para aqueles peque nos centros de Física, que possivelmente ainda surgirão no Brasil?

R:- Os centros que você denomina pequenos, em meu parecer, deverão investir na formação de seu pessoal de melhor qualidade, fazer um programa realístico, de preferência com ênfase no traba lho experimental, se possível ligado a problemas locais ou regio nais, criar infraestrutura de apoio técnico, desenvolver uma boa biblioteca, procurar associação e intercâmbio com outros centros e laboratórios, valorizar o trabalho dos jovens, e batalhar apoio, não apenas das agências financiadoras e fomentadoras mas também dos poderes locais e "last but not least", ter sempre em mente que a pesquisa é, também, uma atividade cultural.

C:- Como nasceu a sua paixão pelo MAR? Você se lembraria de algum fato interessante acontecido durante o seu tempo de navega dor?

R:- Meu gosto pelo mar resulta de que fui criado na beira dele, combinado com fato que, numa dada época de minha juventude, fui escoteiro do mar em um grupo que era muito ativo nas fainas marítimas. A baía do Rio de Janeiro, pela sua beleza e segurança, se presta ao aprendizado da marinharia. A atividade marítima gera um sentimento de independência e auto confiança que é muito gratificante. Para físicos experimentais é muito educativa no sentido de que ensina a usar meios técnicos com objetividade e prudência.

C:- Com a sua notória fluência intelectual, você bem que poderia externar aqui um pouco sobre os seus interesses além da Física e do MAR, por exemplo, sobre o que você gosta nas artes, literatura and so on?

R:- Não sei sobre a minha notória fluência intelectual, mas gosto de literatura, artes plásticas (aprendi na Bahia), música erudita e popular, expressões de arte popular, história e literatura clássicas, tudo enfim, que reflita o lado pacífico e criativo da humanidade.

C:- Gostaríamos que ao encerrar, você deixasse aqui um alô para aqueles seus velhos companheiros da UFBa?

R:- Amigos, velhos companheiros, novos companheiros, alunos de todos os tempos e professores a vós todos agradeço a condescendência que não inclui deixar de apontar as minhas limitações e erros e com a qual espero continuar contando e, por favor, não me peçam para revalidar o meu diploma.

Para finalizar, "last but not least", um abraço para o meu amigo e irmão o poeta Jair Gramacho e Agostinho da Silva, a quem devo muito da minha educação. Eles realmente influenciaram sobre o meu comportamento.